

Dias 20 e 21 – Auditório – CFCH

## POLÍTICA PÚBLICA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA DO POVO FULNI-Ô EM PERNAMBUCO

Lídia Márcia Lima de Cerqueira Silveira<sup>1</sup>

Agência Financiadora: CAPES

lidiacerqueira@gmail.com

### JUSTIFICATIVA

Atualmente são 12 (doze) os povos indígenas em Pernambuco. Porém neste estudo iremos refletir sobre o Povo Fulni-ô em função do foco da pesquisa desenvolvida no Mestrado em Educação. O presente trabalho pretende refletir sobre a Política Pública e a Educação Escolar Indígena Específica, Diferenciada e Intercultural a partir da experiência do Povo Fulni-ô residente na cidade de Águas Belas-PE. Para tanto, apresentaremos um pouco de sua história, sua formação, organização social e política, costumes, valores e crenças, dando destaque para a língua Yaathe, o Toré, o ritual do Ouricuri, além de sua Educação Escolar. Os povos indígenas tiveram suas terras roubadas, foram proibidos de praticar seus rituais e de se comunicar usando suas línguas maternas. Contraditoriamente, após séculos de dominação, para serem reconhecidos enquanto povos indígenas e terem direito às suas terras, o Estado cobrou a apresentação de sinais diacríticos<sup>2</sup>, sendo os mais significativos, a prática de seus rituais e o uso da língua materna. Vale ressaltar que o Povo Fulni-ô é o único povo indígena em Pernambuco que preservou a sua língua materna apesar da proximidade do contato. Pensar a questão indígena só é possível a partir da compreensão dos conflitos que envolvem a mobilização

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pelo Núcleo de Pesquisa em Política Educacional, Planejamento e Gestão da Educação da UFPE.

<sup>2</sup> No caso específico do reconhecimento dos povos indígenas sinais diacríticos são sinais de diferenciação, aquilo que caracteriza e diferencia os povos indígenas dos não indígenas. São conformadores de uma etnicidade, de acordo com definição de Sheila Brasileiro (2004).

pela terra. Para analisar qualquer instância dos povos indígenas, é preciso que nos debrucemos sobre a sua história, cultura, valores, crenças, dificuldades, conflitos internos e externos, sobre o seu cotidiano, sem mistificar a visão de indígena, para só assim, poder percebê-lo em sua humanidade tentando compreender todas as táticas utilizadas na relação de sobrevivência pós-contato com a cultura ocidental não indígena e compreendendo a política pública voltada para a Educação Escolar nesse contexto.

## OBJETIVOS

- Refletir sobre a política pública voltada para a garantia do direito constitucional dos povos indígenas a uma Educação Escolar Indígena Específica, Diferenciada e Intercultural.
- Identificar e compreender de que forma esta política pública se concretiza no cotidiano escolar em Pernambuco;
- Conhecer a experiência do povo Fulni-ô: sua história, sua formação, organização social e política, costumes, valores e crenças, dando destaque para a língua Yaathe, o Toré, o ritual do Ouricuri, bem como sua Educação Escolar.

## METODOLOGIA

O minicurso será realizado por meio de ações pedagógicas interativas, a exemplo de levantamento de conhecimentos prévios, trabalhando a visão de indígena que os participantes possuem, a exposição dialogada, a projeção de slides, análise de vídeo, a utilização de fotografias e de músicas em Yaathe (língua materna do povo Fulni-ô), textos reflexivos sobre o tema.

## RESULTADOS ESPERADOS

- Ampliação sobre a compreensão da relação existente entre as legislações, resoluções e pareceres referentes à Educação Escolar Indígena e sua concretização no cotidiano de uma

escola indígena situada na Aldeia Grande do povo Fulni-ô em Pernambuco;

- Desmistificação sobre a ideia de indígena;
- Sensibilização para trabalhar a questão indígena nas escolas regulares.

## RECURSOS A SEREM UTILIZADOS

Datashow, slides, som, vídeo, fotografias, música e textos referentes ao tema.

## REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Andion. *A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco*. In OLIVEIRA, João Pacheco de. *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2ª edição. Rio de Janeiro: LACED, 2004.

BARBALHO, José Ivamilson. *Os Fulni-ô de Águas Belas: apontamentos sócio-antropológicos*. Mineo, Garanhuns, 2003.

BOTO, Carlota. *A educação escolar como direito humano de três gerações: identidades e universalismos*. Revista Educação & Sociedade. Vol. 26. n.º. 92. São Paulo: Unicamp, 2005.

CAMPOS, Carla Siqueira. *Por uma antropologia ecológica dos Fulni-ô de Águas Belas*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia. Recife, 2006.

DANTAS, Mariana Albuquerque. *Dinâmica Social e Estratégias Indígenas: disputas e alianças no aldeamento do Ipanema, em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920)*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal Fluminense. História. Niterói, 2010.

FLEURI, Reginaldo Matias. *Intercultura e educação*. Revista Brasileira de Educação – ANPEd. nº 23. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FUNAI. *Fulni-ô – quem são e onde vivem?* Brasília, 2008.

PERNAMBUCO. *Projeto Político Pedagógico do Povo Fulni-ô*. Secretaria de Educação do estado de Pernambuco. Unidade de Educação Escolar Indígena. 2010.

QUIRINO, Eliana Gomes. *Memória e Cultura: os Fulni-ô afirmando identidade étnica*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ciências Sociais. Natal, 2006.

ROMANI, Daniele. *Yathe a última língua sagrada*. Revista Continente. Recife: CEPE, Maio/2009.